

# Lúcio pintor<sup>1</sup>

*Walmir Ayala*  
Escritor

**L**úcio Cardoso foi um artista múltiplo. O cinema, o teatro, as artes plásticas foram sempre testados em seu dia-a-dia de escritor maior. A compreensão do conteúdo interdisciplinar, a paixão pelas muitas linguagens da expressão artística, resultaram em experimentos, infelizmente inconclusos, na área do cinema, e na criação de um projeto teatral, que privilegiava o texto literário e o autor nacional, com uma temporada suficiente para provar uma ideologia cultural muito clara, com adesão de figuras expressivas das artes cênicas na época. Foi na pintura e no desenho, contudo, que se mostrou mais intenso. Nas andanças boêmias do tempo que antecedeu o enfarte que o vitimou, não ainda de forma mortal mas definitivamente bloqueadora dos canais da fala e da escrita, já costumava deixar em desenhos de mesa de bar as imagens fragmentadas de seu mundo ficcional. Esta ilustração febril de uma passagem atormentada, era o suficientemente freqüente para revelar o talento do gesto, a propriedade da cor, principalmente a vibração de um universo gráfico definido e incontível. Doente, e sobrevivente por seis anos, esta vocação armou-se de uma energia sobre-humana, exercitando a mão esquerda (que não era seu instrumento natural) enquanto a mão direita adormecia sem possibilidade de recuperação. Jamais como terapia, mas atendendo a um apelo misterioso e profundo, passou de um estágio elementar de aprendizado técnico, a um paulatino domínio do instrumento, chegando a manejar a tinta, o pincel, o carvão, com absoluta naturalidade e contumaz perseverança. Amordaçado o escritor, vinha o pintor e desenhista propor as mesmas questões, desenhar as mesmas figuras e paisagens que se revelavam antes no fulgor de sua construção verbal.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito a pedido de Amos Segala, diretor da Coleção Archivos, em agosto de 1991, e nunca foi publicado, permanecendo inédito até a presente data. É um dos últimos textos de Walmir Ayala, que morreu no dia 28 do mesmo mês e ano. [Nota dos Organizadores]

O que fez crescer a imagem do pintor Lúcio Cardoso foi isso, a continuidade de um plano interior que nem o dano físico pôde conter. Passou da escrita ao desenho da vida, com uma coerência exemplar, e como tal produziu uma obra quantitativamente respeitável, marcando presença pública em três<sup>2</sup> exposições individuais, sublinhadas pela crítica mais exigente da época, como um acontecimento invulgar. Ao quantitativo somava-se portanto o qualitativo, e como acontece com qualquer criador de raça, a superação de obstáculos artesanais foi moldando a imagem plena, isto a partir de um dia-a-dia disciplinado. Ao morrer, em 1968, Lúcio Cardoso deixou obra em museus e coleções particulares. Na oportunidade em que se lança, no Brasil, a edição crítica de *Crônica da Casa Assassinada*, dentro da coleção Archivos, de Amos Segala, resolveu se reunir um breve percurso do patrimônio plástico-visual deixado por Lúcio Cardoso. Os especialistas podem aprofundar, mas qualquer leitor de romance há de identificar nestes trabalhos uma verdadeira cenografia visual, atravessada por montanhas, veredas íngremes, seres perplexos ou simplesmente distraídos no instante, viajantes, roteiros tortuosos, vilarejos – espaços de pobreza e reconhecimento da terra, onde o luxo das almas é uma chama de sangue e revelação.

Rio, agosto de 1991.

## Resumo

Este texto trata do Lúcio Cardoso pintor, trabalho a que o escritor se dedicou nos últimos seis anos de vida.

## Abstract

This text treats of the Lúcio Cardoso painter, work what the writer devoted himself in the last six years of life.

---

<sup>2</sup> Na verdade, Lúcio fez quatro exposições, são elas: Galeria Goeldi, Rio de Janeiro (1965), Galeria Atrium, São Paulo (1966), Automóvel Clube de Belo Horizonte (1966) e Galeria Décor, Rio de Janeiro (1968). [Nota dos Organizadores]